



**O LUTO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DA CUBANA TERESA
CÁRDENAS EM “CARTAS PARA MINHA MÃE”**

Rosália Aparecida da Silva (IFRO)¹
rosalia.silva@ifro.edu.br

Joely Coelho Santiago (UFAC)²
joely.santiago@sou.ufac.br

Resumo: Há temas impróprios para serem escritos às crianças e adolescentes? O objetivo deste trabalho é de analisar o livro “Cartas para a minha mãe”, de Teresa Cárdenas (2010), especialmente quanto à questão do luto. A obra foi publicada em Cuba, no ano de 1997, com o título originalmente sendo “*Cartas al cielo*”. A análise será feita por teorias decoloniais e de feminismo negro, aliados ao processo de descrição, análise, interpretação e compreensão baseados em procedimentos narratológicos do âmbito dos estudos literários. A busca é por identificar denúncias que a narradora está fazendo à sua mãe, já falecida, incluindo muitas complexidades sociais: racismo, pobreza, religiosidade, violências de gênero e contra criança e adolescente, prostituição, abuso infantil, entre outros. A compreensão de como a literatura recria a perda e o luto por meio da ficção e como vão se encadeando na trama os pensamentos de uma criança até sua adolescência é importante, especialmente, quando não é incomum encontrarmos órfãos em nossas comunidades. Ainda mais em se tratando de uma menina negra, público que historicamente não vinha figurando como protagonista de romances ou outras construções literárias. Espera-se ao final compreendermos melhor essa relação vida-morte por meio da narrativa da cubana Teresa Cárdenas.

Palavras-chave: literatura cubana; romance epistolar; racismo; mulher negra

Resumen: ¿Existen temas inapropiados para escribir a los niños y adolescentes? El objetivo de este trabajo es analizar el libro “Cartas a mi madre”, de Teresa Cárdenas (2010), especialmente en lo que respecta al tema del duelo. La obra fue publicada en Cuba, en 1997, con el título original de “*Cartas al cielo*”. El análisis se realizará utilizando teorías decoloniales y feministas negras, combinadas con el proceso de descripción, análisis, interpretación y comprensión basado en procedimientos narratológicos en el ámbito de los estudios literarios. La búsqueda es identificar las denuncias que la narradora le está haciendo a su madre, ya fallecida, incluyendo muchas complejidades sociales: racismo, pobreza, religiosidad, violencia de género y contra niños y adolescentes, prostitución, maltrato infantil, entre otras. Comprender cómo la literatura recrea la pérdida y el duelo a través de la ficción y cómo los pensamientos de una niña hasta su adolescencia se entrelazan en la trama es importante, especialmente cuando no es raro encontrar huérfanos en nuestras comunidades. Más aún cuando se trata de una chica negra, un público que históricamente no ha aparecido como protagonista en novelas u otras construcciones literarias. Al final, esperamos comprender mejor esta relación vida-muerte a través de la narrativa de la cubana Teresa Cárdenas.

¹ Mestra em Letras/UNIR.

² Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI).



Palabras clave: literatura cubana; novela epistolar; racismo; mujer negra.

Introdução

Ao final de uma apresentação teatral do Grupo Casa (Campo Grande/MS), em 2023, colocou-se em debate se há temas próprios ou impróprios para serem levados para as crianças. Na peça “A Borboleta Mais Velha do Mundo”³ os personagens “Mixirica” e “Ciroula” representam sobre a morte, em meio a momentos de palhaçadas, humor, magia e reflexão. Segundo a direção do Grupo, eles consideram importante que junto às crianças sejam tratados temas que são ainda tabus para a sociedade, mas que de alguma, mesmo com a pouca idade, elas já sabem lidar porque vivenciaram/vivenciam experiências próximas (nem que seja pelo noticiário) ou que necessitarão saber para um caso de necessidade futura.

No livro de literatura infanto-juvenil de Teresa Cárdenas, o luto e a morte permeiam toda a história. Desde a reflexão inicial, de abertura do texto: “Eu estaria melhor aí com você” (CARDENAS, 2010, p. 7); até depois das mais de 40 “cartas” escritas, quando vai se despedir perdendo a mãe por ter “partido”, lá na página 108. Em cada início, um vocativo carinhoso para se referir à mãe: “querida mamãe”, “mãezinha”, “mamãe”, “mãezinha adorada”, “preciosa”, “do meu coração”, alternando a forma de chamar aquela que só pode ser ouvida em sentimentos e saudades. Sobre a escolha dos temas abordados, em entrevista, a autora diz:

Eu era uma criança calada, que lia e fazia teatro para me expressar. Mas algo nos livros me intrigava: não havia, nas histórias infantis, personagens parecidos comigo. Não havia meninas negras. As famílias eram felizes e brancas, sem problemas. Eu queria um livro no qual eu aparecesse (BLOCH, 2017, s.p.).

Narrada de forma testemunhal, em primeira pessoa do singular: “Chamei você em vão. Foi triste” (CÁRDENAS, 2010, p. 9), a interlocução se mantém até o final dos fatos contados no formato cartas. Com este personagem-narrador que não sabemos o nome, mas que é autodiegético, de maneira que, ela própria vai contando os acontecimentos do dia a dia de sua vida. Nessa forma de ser do narrador, como lembra Genette: “A orientação do narrador para ele próprio [...] toma na história que conta, na relação que mantém com ela: relação afectiva, claro, mas igualmente moral e intelectual, que pode tornar a forma de um simples testemunho

³ Para mais informações sobre “A Borboleta Mais Velha do Mundo”, o Instagram do Grupo Casa: <https://www.instagram.com/p/CukXHaWp115/>



[...]” ([197-?], p. 254-255). É a subjetividade de quem narra que se baseia a realidade criada naquele universo ficcionalizado.

As surras, as análises sociais da discriminação em casa ou na rua, permeiam o texto. Podendo ser realizadas outras de várias ordens, desde o amor (maternal, familiar, entre namorados, professores-alunos, pessoa idosa-criança, etc.), religiosidade, ancestralidade africana, colonialismo, sociedade racista e o racismo estrutural, suicídio, traição, patriarcalismo, relação conflituosa familiar, violência doméstica, trabalho doméstico, trabalho infantil, violência sexual e abuso infantil, entre outros.

Como exemplo dessas possibilidades múltiplas apresentadas na obra, Cardoso (2020) teve como interesse o “eu” negro na literatura infanto-juvenil, observando identidade, racismo, escrita e recepção do texto. A autora chama o modelo de escrita da obra em tela de cartas-diário e/ou diário em forma de cartas. E intenta saber qual seria o impacto da leitura para crianças negras, sem perder de vista que o livro é para qualquer público, sem distinção de cor e idade. “A menina narradora é um eu negro que coloca inevitavelmente o dedo numa ferida que está aberta há pelo menos quatro séculos na América” (CARDOSO, 2020, p, 294). Portanto, uma leitura que não fica restrita à realidade de Cuba, se aproxima muito com o Brasil, que há muito ainda que se rever e se refundar quanto ao seu passado colonialista.

Segundo Benfatti (2022, p. 188), a narrativa é um exemplo do processo de escrita de mulheres negras que rompem com processos de exclusão e de silenciamento que, sobremaneira, são “[...] historicamente instituídos pela colonialidade, as personagens protagonistas das narrativas exemplificam um projeto decolonial ao apontarem um lado combativo dos preconceitos, valorizando sua origem e seus corpos negros”. É desta maneira que ela analisa Cartas para a minha mãe e sua personagem (não nomeada no correr da diegese), mas que é uma garota que não se deixa vencer pelas investidas patriarcais e discriminatórias que encontra no seu cotidiano. Sendo, portanto, uma pessoa que cria estratégias para sobreviver.

Benatti e Candido (2021) analisaram o mesmo livro sob a perspectiva da infância roubada e do racismo vivido pela criança na época de transição para a puberdade. Os autores mostram as diferenças dadas para qualidades como superiores aos europeus e de inferiores a latino-americanos, africanos e asiáticos. Tratando do que sofria dentro e fora de casa, eles dizem que: “A cada ato de racismo, a menina crescia mais, a cada ato de amor, ela se



humanizava mais” (BENATTI; CANDIDO, 2021, p. 196). Seria, então, nesta perspectiva que ia firmando sua identidade e compreendendo melhor o mundo.

A trajetória da protagonista e narradora pode ser vista sob uma perspectiva emancipadora. Conforme estudo de Milreu e Nascimento (2023, p. 235), em relação aos temas mais “difíceis” que são abordados: “Concordamos com o seu questionamento sobre a hipocrisia [...] que se indignam com assuntos complexos que aparecem em suas obras, mas que ‘ignoram’ que estas questões fazem parte do cotidiano de muitos garotos e garotas latino-americanos”. Para eles, outro fato é o de que “a perda precoce de sua mãe, obrigou-a desenvolver sua autonomia e a percepção da realidade” (Ibidem, p. 245). Havendo ainda uma rede de apoio externa à casa da tia e que vai ajudar neste reconhecimento de seu pertencimento afro-cubano e de valorização de sua negritude (o namorado Roberto, a professora Silvia e a vizinha idosa Menú).

Por fim, dentro desta breve revisão de literatura, o livro é citado no estudo de Silva (2023, p. 80), que descreve: “No Caribe, escritoras como a porto-riquenha Mayra Santos Febres e a cubana Teresa Cárdenas, afrodescendentes que escrevem sobre a temática reivindicando a voz da mulher negra, estão conquistando um espaço no mercado editorial bastante significativo”. Neste estudo há uma constatação do quão pouco ainda é traduzido no Brasil de obras (escrita por negros e não-negros) que tratem dos afrodescendentes na literatura dos países latino-americanos, e também entre os demais países. A circulação no mercado editorial acaba ficando muitas vezes restritos aos autores considerados consagrados mundialmente (Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Isabel Allende e Alejo Carpentier).

1 Mais sobre a autora e obra

Nascida no ano de 1970, a autora contemporânea Teresa Cárdenas Angulo é natural de Matanzas, capital de província homônima em Cuba, e mora atualmente em Havana. Tem três filhos: “Eu sou uma mãe solteira com três filhos e tudo o que isso envolve consome muito tempo e energia” (PAZ, 2022, s.p.). Segundo o site da Pallas Editora⁴, além de escritora, é atriz, contadora de histórias e assistente social. Faz parte da Associação de Escritores da União de

⁴ Informações da seção Autores – Teresa Cárdenas. Acesso em: 11 Jul 2023. Disponível em: https://www.palaseditora.com.br/autor/Teresa_Cardenas/128/



Escritores e Artistas de Cuba, sendo reconhecida como importante representante da literatura para crianças e jovens em Cuba.

Com o livro “Cartas para a minha mãe” recebeu o Prêmio *David* (1997); Prêmio da *Asociación Hermanos Saíz* (1997); Prêmio *Nacional da Crítica Literaria* (2000). A obra foi publicado em Cuba, Canadá, Estados Unidos e Suécia. No Brasil foi traduzido por Eliana Aguiar para a Pallas Editora. Seu outro livro, “Cachorro Velho” foi agraciado com o Prêmio *Casa de las Américas* (2005); Prêmio de *la Crítica Literaria* (2006); e Prêmio *La Rosa Blanca*. Ambos foram adotados em programas de leitura de escolas públicas e privadas do Brasil, incluindo o Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário (PNLD), no ano de 2020.

1.2 Luto e luta

Após ficar órfã, a protagonista de “Cartas para a minha mãe”, precisa se mudar para a casa da tia materna, que tem outras duas filhas. A avó também sempre está presente. Nesta casa cheia de mulheres, talvez por ser a de pele mais retinta, sofre mais discriminação, mesmo estando sob cuidados de parentes tão próximos. A educação dada pela avó é severa, com muitas surras e destratos morais (como a chamar de “beijuda”).

Apesar da pouca idade, ela possui senso crítico para se “defender”, e escreve no seu diário-carta: “Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beição. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra” (CÁRDENAS, 2010, p. 19). A menina vive seu luto e seus enfrentamentos sozinha, da família vem apenas silêncio e acusações/maus tratos (sob o ponto de vista da criança que narra a história).

No dia que seria o aniversário de 37 anos de idade da mãe (se estivesse viva), apesar da falta de palavras, algumas ações são diferentes. Tanto que ela diz parecer que foi um dia milagroso. “Embaixo do retrato, colocaram jasmim, suas flores preferidas. / Titia não me deixou trabalhar. Ela mesma fez o café da manhã e arrumou a casa” (CÁRDENAS, 2010, p. 71). Foi neste silêncio familiar, de “desprezo”, que havia iniciado escrever as cartas (diário) para a mãe, a qual não é citada a causa da morte: “Você passava os dias dizendo que a qualquer momento iria para um lugar onde ninguém pudesse encontrá-la. E foi o que fez. / Muita gente não entende isso. Mas eu entendo” (CÁRDENAS, 2010, p. 44). Porém, em nenhum momento é dito diretamente o motivo do falecimento.



Uma das questões apontadas pela criança era a solidão que a mãe sentia pelo abandono do pai da criança. Mais que isso, a solidão e o abandono de uma mulher negra, que cria sua filha só. Em outras passagens do livro, isso é visto na vida da tia, que tenta manter um relacionamento com um homem (branco) e alcoólatra e que mantém casos extraconjugais, saindo com outras mulheres. E que vai abandonar a tia grávida, mesmo assim, ela continuará atrás do parceiro, até encontrar uma nova relação afetiva. Há, portanto, vários lutos ocorrendo. Várias lutas que a protagonista, mesmo criança, começa a compreender ser necessário tomar para si.

Fala-se pouco da mãe, em que pelas entrelinhas da história é possível ver que havia felicidade na relação mãe e filha, pois sempre é descrita brincando com a pipa, mesmo no “céu”, onde agora “mora”. Elas poderiam até viver dificuldades (pois, havia fugido com o pai da criança, que depois a abandona), entretanto, a comparação possível é de que o antes da criança era muito mais feliz ao lado da mãe. Porém, ao lado da mãe ou no novo lar, para ela, uma criança-menina-mulher-negra, sempre haveria desafios a serem transpostos.

2 Raça, classe e gênero

“Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura está sendo reforçada” (RIBEIRO, 2018, p. 27). Ali naquele espaço foi mais cruel, a violência sofrida pela criança poderia ter sido evitada quando se pensa em sociedades democráticas, de uma forma ainda não vista por nós, que respeite a todos, independente de cor, idade, gênero e classe social.

Para enfrentamento do que passa a viver na casa junto da tia, primas e avó (e, também, fora dela), será preciso se reinventar. Lutar contra o racismo e a discriminação. “Numa sociedade branca de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos num novo marco civilizatório” (RIBEIRO, 2018, p. 127). Mesmo sem saber, a criança daquela história está agindo assim. Por sua vez, a literatura de Teresa Cárdenas está nos conduzindo a esta forma de observar pelas lentes deste feminismo negro em que bases estão erguidas nossas sociedades (cubana e brasileira, e tantas outras).

Abordando o tema guerra, genocídio, luto e morte de pessoas da própria família, amigos e tantas outras pessoas que fazem parte de quem se é, enquanto povo/etnia, podemos



compreender pela vertente de um tema fraturante, estudado em “Espiar pra dentro”, de Gama-Khalil, Borges e Oliveira-Iguma (2022). As autoras chamam de “espionar pra dentro” essa lógica de usar o “imaginário” e também a “capacidade de invenção”: “num movimento de imersão necessário para compreender alguns acontecimentos do mundo externo” (GAMA-KHALIL; BORGES; OLIVEIRA-IGUMA, 2022, p. 7). Ainda de acordo com as organizadoras do livro, no texto de apresentação da obra:

No procedimento da mirada interna, o sujeito tentar lidar com sentimentos, situações, muitas vezes negativas, fraturantes: violência, morte, separação. Ao realizar esse movimento de “olhar para dentro de si”, o sujeito consegue elaborar seus próprios sentimentos e as situações vividas, no mundo externo, por meio da imaginação. Há, assim, um entrelaçamento entre realidade e imaginação. (GAMA-KHALIL et al., 2022, p. 7).

Olhando para dentro de si, o luto se mistura às lutas necessárias aos que são dados como “minorias”, pois conforme lembra Davis (2016, p. 73): “O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher”. A experiência familiar descrita ficcionalmente não está tão longe da realidade vivida em Cuba ou mesmo no Brasil. Os dois países foram os últimos a abolirem o sistema escravista negro: Cuba em 1886 e o Brasil em 1888. O histórico discriminatório é construído há séculos.

Demonstra o que Quijano (2005) e outros teóricos da teoria decolonial discutem, que é o processo de colonialidade que ainda nos aprisiona. Havendo um centro de poder hegemônico, que busca manter o poder (superioridade) aos brancos e subjugar (inferioridade) aos negros. Ainda mais quando em se tratando da mulher negra. A avó e outros personagens vão manter esse imaginário de que é preciso “embranquecer”. Sobre sua infância/adolescência Ribeiro (2018, p. 8) relembra o quanto era difícil estar nas aulas de História: “[...] aquelas narrativas que reduzia os negros à escravidão, como se não tivesse um passado na África, como se não houvesse existido resistência”. Ao mesmo tempo que discute o luto pela perda da mãe, o livro analisado discute toda um contexto histórico muito atual.

Considerações Finais

Da leitura de “Cartas para a minha mãe”, de Teresa Cárdenas (2010), a pretensão era um gesto de leitura quanto aos temas “espinhosos” e tidos como tabus sociais. Uma criança que tem por volta de 10 anos é levada para a casa de parentes maternos após o falecimento da mãe. O luto, a solidão e a incompreensão levam a menina a escrever cartas para sua mãe morta.

Junto ao enfrentamento psicológico dessa perda, também enfrenta a violência infantil e muitos outros momentos que a farão refletir. O livro termina quando aos 15 anos “completa” o ciclo de compreensão dos problemas sociais, cresce em tamanho e em entendimento do mundo e, finalmente, consegue “perdoar” a mãe por a ter deixado tão nova sozinha neste mundo. Alcança um momento de epifania de se encontrar para a vida adulta que a espera.

A partir das teorias decoloniais e de feminismo negro, analisou-se o romance epistolar. As cartas ou o diário dedicado à mãe foram momentos de troca e de amor próprio, enquanto tudo ao redor parecia ser contra ela. Fez diversas denúncias nestas palavras direcionadas à sua mãe, abordando discriminação e racismo, pobreza, religiosidade, violências de gênero e contra criança e adolescente, prostituição, abuso infantil, por exemplo.

A literatura não tem necessária relação com a verdade, porém, tem poder criativo de falar de perdas, do luto e de lutas. A criança faz sua passagem para a adolescência, cresce do início até o fim do livro, quando está mais preparada para a fase adulta que logo chegará. A protagonista do romance constrói de forma ficcional dificuldades que são passíveis a crianças e adultos, e que precisa de alguém para trocar angústias e experiências. No caso, sem encontrar uma voz consoladora em casa, primeiro encontra na “conversa” por cartas com sua mãe. Depois faz amizade com uma senhora próximo de sua casa, com uma de suas professoras e com o colega de classe que será seu futuro namorado.

A relação vida-morte na narrativa da cubana Teresa Cárdenas é um chamado para a reflexão, “[...] adoecida pelo racismo, eu precisava encontrar formas de me libertar para não amar de forma adoecida também” (RIBEIRO, 2018, p. 20). Igualmente a humanidade precisa se autocurar de forma a preservar-se para melhor acolher suas próximas gerações. Ler autores e autoras negras, indígenas e outros que estejam foram do mercado editorial impositivo como único.

Referências Bibliográficas

BENATTI, Andre Rezende; CANDIDO, Alcione Rafael. Cartas para minha mãe, de Teresa Cárdenas racismo e resistência na voz de uma literata negra. Catedral Tomada: **Revista de Crítica Literária latinoamericana**, vol. 9, n. 16, pp. 172-197, 2021. Acesso em 12 Jul. 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8019995>.

BENFATTI, Flávia Andrea Rodrigues. Feminismo decolonial em Teresa Cárdenas e Miriam Alves. **Entrelaces**, v. 12, n. 2, 2022. Acesso em: 13 Jul 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/61480>

BLOCH, Arnaldo. Tereza Cárdenas, escritora: ‘No princípio, o universo era todo branco’. **O Globo** (30/09/2014). Acesso em 13 Jul 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/tereza-cardenas-escritora-no-principio-universo-era-todo-branco-14086763>

CARDOSO, Rosane Maria. O “eu” negro na literatura infantojuvenil: identidade e escrita em *Cartas a mi mamá*, de Teresa Cárdenas. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 38, pp.285-296, Set-Dez 2020. Acesso em: 12 Jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/19617>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: São Paulo, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Curitiba: Kottler Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilliân Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (ORGs). **“Espiar pra dentro”**: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Dialogarts 2022.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Vega Universidade, s/d [197-?].

MILREU, Isis; NASCIMENTO, Rummenigge Silva do. “Não quero ser doméstica”: uma leitura de *Cartas para a minha mãe*. **Revista Cerrados**, v. 32, n. 61, pp. 233–246, 2023. Acesso em: 12 Jul 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/45878>.

PAZ, Rayanne Soares da. “Memória, identidade e resistência na literatura latino-americana”, entrevista com Teresa Cárdenas. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 38, 2022. Acesso em 12 Jul 2023. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2022/memoria-identidade-e-resistencia-na-literatura-latino-americana-entrevista-com-teresa-cardenas/>.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Liliam Ramos da. A voz do protagonista afrodescendente em romances históricos hispano-americanos: invisibilidade do texto original e algumas (poucas) obras traduzidas no Brasil. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, pp. 73-88, 2016. Acesso em: 12 Jul 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115272>.